

Pesquisador aborda a 'Boca do Lixo', epicentro da indústria da pornochanchada

# Boca dos Sonhos

Fotos: Enciclopédia do Cinema Brasileiro/Reproduções

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

O cinema da Boca do Lixo é comumente tratado com ironia nas raras menções da cinematografia brasileira, apesar de sua importância no mercado dos anos 1970. Daí, o cuidado do professor e cineasta Nuno Cesar Pereira de Abreu em se despir de preconceitos e lançar, como diz, "um olhar generoso" sobre aquela comunidade peculiar de diretores, produtores, atores e técnicos que agitou a zona do baixo meretrício em São Paulo. Sua pesquisa tem como matéria-prima entrevistas com quinze personagens da época (veja box com a atriz Matilde Mastrangi) e resultou em *Boca do Lixo: Cinema e Classes Populares*, tese de doutorado defendida em novembro no Instituto de Artes. O texto, organizado em formato de documentário, deve virar livro.

"Boca do Lixo" é uma designação depreciativa forjada pela polícia e por isso evitada por quem viveu aquela indústria. O "cinema da Boca", para seus trabalhadores, ficava na Rua do Triunfo, esquina com Rua Vitória, logradouros de uma região deteriorada mas com nomes que remetem a sucesso e nobreza. O ponto de encontro, onde se planejava as produções e se distribuía empregos, era um botecão de pratos-feitos que ostentava a placa "Soberano". E a atriz Helena Ramos, musa que garantia a lotação das salas e uma das entrevistadas na pesquisa, refere-se ao lugar como "Boca dos Sonhos".

"O ambiente me atraía muito. Ao invés do estúdio tipo galpão de fábrica com seus patrões, era uma área por onde circulavam pessoas de todos os tipos – gente de circo, rádio, desempregados eventuais da televisão. Havia um prédio com escritórios da Columbia, Paramount, Warner ou de empresas nacionais por andar. No entorno estavam gráficas e lojas de insumos para a indústria cinematográfica", descreve Abreu, que atualmente dirige o Centro de Comunicação da Unicamp.

As elites que falassem mal, mas fazer cinema, mesmo na Boca, significava ascensão, a possibilidade de trabalhar em algo mais importante. "Dizia-se que, quando o fulano virava a esquina da Rua do Triunfo, logo empertigava o corpo fazendo pose", brinca o pesquisador. Com o tempo foram surgindo os "heróis" do pedaço: pelos códigos locais, eram os novos ricos, bem sucedidos artística e financeiramente.

Diretores como David Cardoso, Tony Vieira e Jean Garret, e estrelas como Matilde Mastrangi, Helena Ramos e Aldine Muller podiam se gabar: "Meu filme está no Marabá, tenho público cativo, saíno *Notícias Populares*...", respaldados por uma rede midiática popular. "Ia-se muito aos filmes por conta desse *star system* precário, porém eficiente, e tudo à margem dos esquemas de televisão", ressalta o pesquisador.

**Similar nacional** – Nuno Cesar Abreu contextualiza a explosão do cinema da Boca. Afirma que a lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais (1968), criando uma espécie de reserva de mercado, está na raiz do desenvolvi-



As musas Helena Ramos e Matilde Mastrangi; ao lado, o bar Soberano

## A musa é 'cruel'

Matilde Mastrangi é cruel ao lembrar seus tempos de estrela do cinema da Boca do Lixo. Ela vê a pornochanchada como um retrato da mediocridade cultural do Brasil nos anos 70, válvula de escape aberta pelo regime militar. Abaixo, frases da entrevista que, cinquentona, concedeu a Nuno Cesar Abreu em novembro de 2001:

●●●●●  
"Bacalhau" foi uma delícia fazer. Uma sátira do "Tubarão". Eu sou a capa do cartaz, eu com aquele biquinho vermelho. Eu saía todo dia no jornal *Notícias Populares* como uma deusa. Esse filme me projetou muito.

●●●●●  
Nunca gostei de ator, nunca gostei de artista, nunca gostei do meio, nunca gostei da profissão. Eu fiz cinema pela grana e eu entrei por acaso. Todo mundo sabe.

●●●●●  
Eles propuseram muito pra mim, pra Aldine (Muller) e pra Helena (Ramos) fazer pornochanchada normal e eles enxertariam cenas de sexo de outras pessoas. Nenhuma de nós aceitou. A Zaira (Bueno) já aceitou. A Nicole (Puzzi), não sei. Não ponho a mão no fogo por ela.

●●●●●  
Talento ninguém tinha. Eu digo e repito: a época mais medíocre do Brasil, culturalmente, foi a década de 70. Eu hoje vejo isso. Naquela época não, eu não tinha nem cultura pra isso. Eu sou uma pessoa que fiz, não nego, não tive nenhum problema em fazer, como não tenho nenhum problema em dizer que fiz, mas se você pensar o que foi a pornochanchada, ela nada mais foi do que o retrato do Brasil.

●●●●●  
Acho [que todos eram medíocres]. O David Cardoso fica danado porque não faz mais nada, mas nós não temos talento para continuar. Vou fazer o que? Na época a gente era rei. Não tinha nada melhor no Brasil. Quem competia com a gente? O pessoal do Cinema Novo estava todo no exterior. O que tinha de música? Quem estava escrevendo? A pornochanchada só floresceu por causa da ditadura. Se não tivesse ditadura não haveria pornochanchada.

●●●●●  
Eu, com 29 anos, fui fazer teste vocacional pra saber para o que eu servia. E eu já era um sucesso. Deu jornalismo e relações públicas. Eu nunca soube o que eu queria ser quando crescesse.

●●●●●  
Havia as suas transinhas, mas era tudo mais discreto. Hoje vai tudo para as revistas. Tudo era censurado. Às vezes tinha censor nas filmagens. Os casos eram escondidos, porque a maioria era casada. De mim, se alguém falar eu processo. O único que falou foi o Cláudio Cunha [disse ter levado para a cama todas as atrizes que dirigiu, inclusive Matilde] e foi decretada a prisão dele.

Pesquisa deve ser publicada em livro

mento desta indústria dita marginal. Em todos os setores vingava a lógica do incentivo à produção de um similar nacional, reduzindo as importações. No cinema, o instrumento oficial para isso seria a Embrafilme, mas que financiava a elite do audiovisual.

A turma da Boca cresceu sobre as próprias pernas. "Ela atraiu um investidor incomum: o pequeno comerciante, dono de bar ou posto de gasolina, que apreciava esses filmes B e, ao mesmo tempo, tinha condições de se associar aos produtores porque os custos não eram altos. Houve casos de vendedores de queijo e rapadura que compraram cotas de filmes", ilustra o cineasta.

Por outro lado, a lei de obrigatoriedade permitiu uma aliança inusitada. "Os exibidores, tradicionalmente a serviço da distribuição internacional, começaram a se associar ou mesmo a coproduzir filmes, lucrando como exibidores e como produtores. Já que a lei os obrigava a passar fitas brasileiras – caso contrário, as salas eram realmente fechadas –, criou-se um círculo virtuoso", observa Abreu. Na década de ouro, de 1970 a 1980, produziu-se a média de 90 filmes nacionais por ano e perto de 40% vinham da Boca. "Isto incomodou o mercado, pois os marginais disputaram de fato o espaço de exibição".

A produção da Rua do Triunfo ficou muito identificada com a pornochanchada, clichê que a rigor deveria se restringir à comédia erótica, mas batizou tudo o que fugisse da área cultural exigida para o patrocínio da Embrafilme. Mas dela também sa-

íram faroestes, cangaços, kung-fus, melodramas e aventuras de segunda linha. "Havia público para isso: o pequeno funcionário, o mecânico, o mensageiro. Minha tese trata de cinema e classes populares porque aquele era um cinema popular feito por populares. Quem foi fazer filmes na Boca pertencia aos mesmos estratos dos espectadores e era tão aficionado quanto", diz o pesquisador.

**A decadência** – A agonia do cinema da Boca é notada no início dos anos 1980 e coincide com a agonia do regime militar. A Embrafilme perde força política, abrindo flancos para desobediência à lei de obrigatoriedade de exibição de produções brasileiras, por pressão das distribuidoras internacionais. Nota-se também o esgotamento da fórmula "erotismo, produção barata e público numeroso". "Como diz um dos meus entrevistados, o público ficou mais inteligente que os filmes", ressalta Abreu.

De fato, a abertura política também trouxe mais liberalização de costumes e as gerações seguintes não eram como aquela, que fazia sua cabeça no cinema, buscando se reconhecer como seres eróticos. "As pornochanchadas, vistas hoje, são de enorme ingenuidade, com sexo apenas insinuado: coisa de voyeur, de buraco de fechadura. Em seguida, passou-se a negociar filme a filme junto à censura: um seio pode, mas dois seios, não; dois nus na mesma cena, não. As cenas ficaram pesadas somente nos anos finais", recorda Abreu.

**Sexo explícito** – Segundo o cineasta, o cinema da Boca viu-



Foto: Neldo Cantanti

O cineasta e professor Nuno Cesar Abreu: "Vistas hoje, as pornochanchadas são de enorme ingenuidade"

se liquidado com a entrada dos filmes de sexo explícito. Apesar da polêmica em torno do pornográfico "Garganta profunda" ou do apelativo "Calígula", o grande vilão, ironicamente, foi um filme considerado de arte, mas com cenas explícitas: "Império dos Sentidos". Sob argumento de se evitar a pecha de atraso cultural, o filme de Nagisa Oshima acabou exibido por força de mandado de segurança, abrindo a porteira para um mandado atrás do outro.

"O sexo explícito atingiu a produção nacional e também a exibição, porque estigmatizou os cinemas. Desapareceram as salas nos centros urbanos e cines como o ArtPalácio e o Marabá viraram templos ou estacionamentos", lamenta Nuno Cesar Abreu. Ele soma um último item ao pacote da agonia da Boca: "O ingresso custava 80 cents de dólar. Se dez pessoas pagavam 1 real, agora temos uma pessoa pagando 10 reais. Perdemos o público, as salas e a perspectiva de continuar produzindo filmes populares. As classes populares não vão mais ao cinema".